

Amigos, Teatro, Livros

Rubem Braga

QUEM fêz 60 anos outro dia foi o romancista, ensaísta, crítico de arte, poeta e cronista Luís Martins, aquêlo inquieto carioca, hoje um paulista tranqüillo. Qualquer dia vou a São Paulo, Luís, e hâveremos de comemorar isso com um bom drinque meio melancólico e muito sentimental, em que falaremos (de preferência bem) de velhos amigos e conhecidos. Até lá, vá pensando naquela antologia de crônicas do João do Rio, que nós combinamos fazer na «Editôra Sabiá».

Cujos primeiros trinados, aliás, já se ouvirão por êstes dias: está pronta a 6ª edição da «Antologia Poética» de Vinícius de Moraes. Ficou bonito o livro; o Borsóí caprichou na parte gráfica e o revisor também trabalhou direito, o que não impediu que a certa altura, no belo sonêto rimbaudiano-rural, chamado «de Intimidade», o poeta diga: «e se encontro no mato o rubro de uma aurora — vou cuspi-do-lhe o sangue em tôrno dos currais».

Não era «aurora», era «amora», que devia estar. Mas deixa isso pra lá, como diria o Ponte Preta (que prepara para o mês que vem, agora na «Sabiá», o seu «Segundo Festival de Besteira») porque o poeta bem que é homem para cuspir o sangue de auroras e até de crepúsculos.

A gente de teatro anda triste com uma campanha que se iniciou a favor da censura e contra o palavrão. Não chego a dizer que seja a favor do palavrão, mas sou contra a censura a êle, mesmo em caso de abuso.

Teatro não é televisão que invade a casa da gente, nem rádio, cuja voz entra pela janela, vinda do vizinho: é um local fechado, onde se paga para entrar, e vai quem quer. O palavrão pode ter um grande efeito expressivo e ser mesmo indispensável em certas situações dramáticas, para lhes dar força e autenticidade. Pode também, é claro, ser apenas um recurso barato de escritor sem talento, para chocar o público, fazendo rir alguns espectadores e aborrecendo outros; mas o remédio, neste caso, está na reação do próprio público. Confiemos nêle, e não o sujeitemos a uma tutela perigosa, e o mais das vezes tacanha.

E lá se foi o Otto, o nosso Lara Resende querido. Foi-se para Portugal; Portugal merece muito, mas não tanto; que não se demore o Otto!

DN 28.9.67

366